

PREFÁCIO ELEGBARA, DE ALBERTO MUSSA - EDIÇÃO 2005, RIO DE JANEIRO,
EDITORA RECORD

Hermano Vianna

Na orelha de O Enigma de Qaf, Marco Lucchesi diz que aquele livro representa "uma espécie de salto quântico" na obra de Alberto Mussa. Concordo. Mas acho que essa afirmação não deve ser usada em detrimento dos livros anteriores. Pelo contrário, o salto quântico tem o efeito de trazer tanto O Trono da Rainha Jinga quanto este Elegbara para novos patamares de energia literária.

Antes do Enigma, Alberto Mussa enfrentava o risco de ser lido - superficialmente, é claro - como mais um dos milhares de escritores que tentam, a cada frase, desvendar os mistérios da identidade nacional. Mesmo quando uma de suas "narrativas" - como Os Sábios de Tombuctu, deste Elegbara - é ambientada no Mali, o leitor apressado poderia farejar ali alguma "raiz" pitoresca do brasileiro, cujo caráter sempre nos é vendido carregado de tintas "afro" pelo menos desde Gilberto Freyre.

Não era minha impressão: eu sempre lia tudo não como um espelho que refletia "nossa" própria imagem, ou nossas próprias obsessões culturais, mas sim como um lago, por vezes turvíssimo, que dispersava o reflexo de nossos mitos (profundamente verdadeiros, não discuto) através de um emaranhado de linhas de fuga que desafogavam os "nós" (no sentido tanto do plural de nó quanto plural de eu) que em tantos momentos sufocaram a literatura - e as artes em geral, e também a antropologia, a ciência, a política e assim por diante - do Brasil.

O "salto quântico" de Qaf veio confirmar plenamente que minha impressão não era infundada, libertando a escrita de Alberto Mussa de qualquer fácil vínculo nacionalista ou com a procura de identidade. Atravessando um romance pontuado por letras do alfabeto árabe, descobrimo-nos não no caminho aconchegante de volta ao lar, à origem, mas perdidos no deserto, diante da aridez de um

sertão poético universal, primevo, sertão que sempre desnorteia o sentimento de saber quem somos.

Paradoxalmente, o Enigma vem esclarecer, desanuviar: agora ler Elegbara - que já me parecia uma maravilha - é atividade que ganhou limpidez, apesar de ao mesmo crescer em saborosa dificuldade. A leitura é portanto mais elucidativa: para quem quer ir direto ao mistério, não para quem se contenta com suas beiradas (sobretudo aquelas que posam de transgressoras, como o mercado exige).

Por isso mesmo A Primeira Comunhão de Afonso Ribeiro, narrativa que abre Elegbara, por tratar do Descobrimento do Brasil, não deve ser confundida com busca de fundamento. Pelo contrário: a atenção para o fato "secundário", para o personagem que ficou fora da História, para tudo aquilo que não cabe na História, para o irrecuperável excomungado, retira qualquer solidez do acontecimento que poderia fundar nossa nação. A verdade escapa por todos os lados.

Tudo então está sob o reino de Elegbara, Exu, Senhor das encruzilhadas, Aquele que confunde, que faz pouco caso das verdades estabelecidas pelos mais sábios, para ser mensageiro, mediador entre diferenças, entre diferentes mundos que de outra maneira ficariam eternamente separados com suas leis incompatíveis. A carapuça de Elegbara é vermelha ou branca? Impossível ser vermelha e branca? Depende do ponto de vista, do lugar daquele que vê? Responder sim significa estar condenado ao relativismo ou a um bobo pós-modernismo? Ou há algo além, um mistério ainda maior, cruel e encantador como a Rainha Ginga (sei que é outra obra, mas tudo - em Alberto Mussa - me parece agora sintomaticamente contínuo e beneficentemente confuso), ou como a revelação do túmulo de Dom Sebastião, na narrativa que conclui Elegbara?

Como disse Antônio Houaiss no prefácio da primeira edição deste livro: "a ambigüidade perpassa estas narrativas de forma deliciosamente clara". Posso tentar complementar (se não for demasiada ousadia, da qual não posso escapar já que tive a petulância de aceitar o convite para escrever um novo prefácio...): a clareza nos reconcilia com o ambíguo, que pode então ser então celebrado -

poeticamente, religiosamente, por que não? - com astuta alegria. A alegria que Elegbara tem em confundir todo mundo. A alegria que liberta (das verdades nas quais ninguém seriamente acredita) e salva.